

Mercado, mobilidades e experiências na perspectiva de trabalhadores do sexo a partir do on-line

Alan Pereira Ribeiro¹
Guilherme Rodrigues Passamani²

Resumo: Esse artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que investigou o trabalho sexual masculino através de plataformas de relacionamento on-line, como sites e aplicativos de mensagens instantâneas. Os modos de exercer e pensar o trabalho sexual têm se modificado a partir da popularização das novas tecnologias e em vista das novas formas de relacionamento. Com isso, expandiram-se os locais e diversificaram-se os tipos de serviços oferecidos pelos trabalhadores do sexo. Nessa perspectiva, diante do cenário nacional cada vez mais complexo, o presente estudo propõe compreender as particularidades e similitudes que constituem os mercados do sexo em Campo Grande (MS). Para tanto, a partir da perspectiva dos interlocutores, analisamos o processo de circulação, trânsito e mobilidades desses trabalhadores do sexo no contexto do mercado local e o fluxo desses trabalhadores a outros mercados nacionais. Essa pesquisa foi iniciada em 2020 e concluída em 2023. No que tange ao aspecto metodológico, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de viés etnográfico, com observações on-line, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Por fim, a perspectiva analítica presente no artigo foca nas tensões, nas estratégias e nas articulações entre marcadores sociais da diferença.

Palavras-chave: Trabalho sexual. Trânsitos. Mercado do sexo. Consumo.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMS. Pesquisador associado em Núcleo de Estudos Néstor Perlongher (NENP/UFMS). E-mail: alanribeirosociais@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2040273391158489>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3182-2344>.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp), doutor em Antropologia (ISCTE-IUL/UNL). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFMS), Estudos Culturais (PPGCult/UFMS) e Antropologia (PPGAnt/UFMD). Pesquisador associado em Núcleo de Estudos Néstor Perlongher (NENP/UFMS). E-mail: guilherme.passamani@ufms.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8689179200408644>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5019-0832>.

Esse artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que investigou o trabalho sexual masculino através de plataformas de relacionamento on-line, como sites e aplicativos de mensagens instantâneas. Esses espaços são utilizados para estabelecer contatos, interações e comunicação. A cidade de Campo Grande (MS) foi escolhida como local da pesquisa devido ao número significativo de homens com anúncios em classificados de serviços sexuais, além da relevância econômica e cultural que a capital sul-mato-grossense tem adquirido nos últimos anos no cenário regional. Além disso, há um contexto emergente de pesquisas sobre dissidências sexuais e de gênero em Mato Grosso do Sul, tornando-se relevante analisar o trabalho sexual masculino nos ambientes on-line em Campo Grande, capital do estado.³

Os estudos sobre o trabalho sexual de homens mediado por ambientes on-line são cada vez mais necessários para a compreensão das dinâmicas, estratégias de visibilidade e modos de constituição e representação dos sujeitos nos mercados do sexo. Nas últimas décadas, embora haja produção em diversas áreas sobre o tema, ela ainda não atingiu uma visibilidade consistente nas Ciências Sociais e nos estudos de gênero e sexualidade. Assim, as análises aqui desenvolvidas dialogam com a produção socioantropológica recente sobre gênero, sexualidade, trabalho sexual e marcadores sociais da diferença.⁴

³ Entre os poucos trabalhos publicados sobre a prostituição masculina em Campo Grande (MS), destaca-se a pesquisa desenvolvida por Guilherme Rodrigues Passamani, Marcelo Victor da Rosa e Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes (2019, 2020a, 2020b). Conforme observado por esses autores, juntamente com Victor Hugo de Souza Barreto (2019), a maioria das pesquisas sobre prostituição masculina no Brasil está concentrada nas regiões Sudeste e Nordeste. Para José Wellington de Jesus (2021, p. 17), embora essas regiões tenham o maior número de estudos sobre o tema, eles nem sempre refletem "[...] as especificidades e particularidades das demais regiões do país". No caso do Nordeste, por exemplo, os estudos se concentram em cidades como Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, deixando de lado as peculiaridades dos outros estados da região. Muitas vezes, esses estudos enfatizam a questão financeira como o principal motivo para a inserção dos garotos de programa na prostituição, sem considerar outros fatores que também podem influenciar essa entrada no mundo da prostituição.

⁴ Marcadores sociais da diferença serão abordados aqui conforme a abordagem de Alexandre Paulino Vega (2008) em sua dissertação de mestrado intitulada "Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo". O autor argumenta que "raça/cor, orientação sexual, gênero, classe social são operados através do estilo de modo a poderem gerar (ou reproduzir) desigualdades ou formas democráticas de representação de uma identidade" (p. 54, ênfase do autor). Nesse sentido, os marcadores são articulados de forma a estabelecer pontos de desigualdade, diferença, distanciamento ou afinidade e proximidade entre os sujeitos.

Normando José Queiroz Viana (2004, p. 307) entende que a prostituição masculina nunca adquiriu grande protagonismo, pois sempre foi dissociada do gênero masculino. Ou seja, “[...] o homem foi por muito tempo desapropriado desse lugar; o que não significa que ele não tenha existido de fato e apresentado uma série de peculiaridades inerentes à geografia local e relacional comum aos seus anunciantes”.

Vale destacar que, em grande parte, as pesquisas sobre homens que realizam trabalho sexual quase sempre buscaram entender os meandros da chamada “prostituição masculina” realizada por “acompanhantes”, “boys”, “garotos de programa” ou “michês” no contexto urbano. No Brasil, foi somente nos últimos vinte anos que algumas pesquisas começaram a preencher essa lacuna, embora muitas delas ainda estejam concentradas nos principais centros urbanos do país⁵.

No que tange aos aspectos metodológicos e às técnicas de pesquisa utilizados, o trabalho insere-se numa gama de pesquisas produzidas que seguem uma abordagem qualitativa e de natureza descritiva e analítica. Portanto, para o desenvolvimento da pesquisa fez-se uma pesquisa etnográfica em formato on-line, em sites de classificados e aplicativos de relacionamento utilizados pelos trabalhadores do sexo na cidade de Campo Grande (MS).

A aproximação com o campo se deu de forma exploratória, criando perfis em diferentes aplicativos, primeiro sem muitas informações, depois deixando claras as intenções de pesquisa. Isso despertou diferentes níveis de interesse nos interlocutores e um enorme grau de desinteresse. Quando se percebia, a partir dos contatos, que se tratava de realmente de uma pesquisa, muitos contatos encerravam as conversas e não foram raras as vezes que o perfil foi bloqueado. No entanto, por outro lado, havia alguns perfis interessados em conversar e saber mais. Alguns desses perfis, tornaram-se os interlocutores da pesquisa.

A partir de Clifford Geertz (1973), pode-se dizer que a etnografia é o paradigma da Antropologia e propõe um jeito/forma de olhar/interpretar a realidade. Para Paul

⁵ Podemos considerar as pesquisas de Lima (2006), Alcântara (2009), Souza Neto (2009), Saldanha (2010), Viana (2010), Ferreira (2011), Barreto (2012), Silva Junior (2012), Santos, M. (2013), Abreu (2014), Burbulhan (2014), Radde (2014), Santos, D. (2016), Jesus (2021), entre outras.

Sillitoe (2012), a etnografia está bastante associada à observação participante, isto é, um modo de fazer pesquisa antropológica em que o grupo que está a ser estudado reconhece um papel/função/lugar ao investigador naquele contexto.

A nossa investigação baseou-se no conceito de etnografia on-line conforme Boellstorff (2015), que descreve os ambientes on-line como espaços sociais próprios, com práticas e interações que demandam uma abordagem adaptada. A etnografia on-line aqui utilizada envolveu observação sistemática nos aplicativos, monitoramento de sites, conversas informais e entrevistas semiestruturadas, realizadas em plataformas digitais de interação voltadas ao trabalho sexual. Essa escolha metodológica permitiu investigar como as dinâmicas sociais e econômicas do mercado do sexo emergem e se estruturam em um contexto digital, enfrentando desafios éticos relacionados à privacidade e à representação fiel dos interlocutores. Foram mapeados e selecionados os principais sites e aplicativos utilizados pelos trabalhadores do sexo em Campo Grande (MS).

O trabalho de campo on-line foi realizado durante o segundo semestre de 2020. O monitoramento dos anúncios publicados nos respectivos classificados ocorreu durante todo o segundo semestre de 2021. Foram realizadas, nas etapas finais do trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas, gravadas, com 5 interlocutores. Esses 5 interlocutores foram os que aceitaram participar mais efetivamente da pesquisa, bem como aqueles que se disponibilizaram conceder as entrevistas, ainda que os contatos de campo tenham envolvido um número maior de trabalhadores sexuais.

O presente artigo está dividido em duas partes. Em um primeiro momento, há uma análise mais detida sobre as particularidades dos mercados do sexo em Campo Grande (MS). Na segunda parte, destacamos a dimensão do trânsito e das mobilidades empreendidas pelos trabalhadores do sexo, justamente em vista das particularidades locais observadas. A perspectiva analítica presente no artigo foca nas tensões, nas estratégias e nas articulações entre marcadores sociais da diferença.

O mercado do sexo em Campo Grande

Os mercados do sexo,⁶ em grande media, têm maior visibilidade nas regiões sudeste e nordeste do Brasil, com destaque para as cidades litorâneas e os grandes centros urbanos. Assim, por muito tempo o fato dessas regiões se caracterizarem pelo acelerado processo de industrialização, culminou no desenvolvimento econômico mais acentuado (Silva, Blanchette, 2011). O potencial turístico também fez dessas regiões locais de interesse e destino daqueles que encontravam na comercialização do corpo e das práticas sexuais fonte de renda e de subsistência.

Nesse contexto, nota-se quanto os mercados do sexo passam a ser considerados ponto de interesse e a representar, cada vez mais, um segmento de destaque para a economia de muitas regiões. Foi o que identificaram Telma Bittencourt Bassetti e Roberta Peixoto (2015) ao analisarem a relação entre mercados do sexo, consumo e turismo sexual de mulheres no bairro de Copacabana (RJ). Assim, as autoras compreendem como o consumo está atrelado ao uso do corpo enquanto um bem docilizado, moldado e sexualizado, que possui valor de troca nas transações comerciais estabelecidas entre prestador/a de serviço sexual e cliente.

Apesar de Bassetti e Peixoto tecerem reflexões sobre o trabalho sexual de mulheres, é possível extrair significativas considerações sobre a relação entre trabalho, modo de vida, corpo e mercado capitalista no que tange o trabalho sexual de homens. Ou seja, aqui, “o modo de produção capitalista, [...] transforma as pessoas (trabalhadores e sua força de trabalho) em mercadorias compradas e vendidas no mercado, como qualquer outra mercadoria” (2015, p. 13).

Sem contar, como lembra Daniel Kerry dos Santos (2016, p. 313), que “a construção desses corpos excitáveis postos a trabalhar não pode ser pensada fora do

⁶ De acordo com Adriana Piscitelli (2016, p. 4): “Essa noção de mercados do sexo foi formulada tendo como referência uma ideia ampla de mercado, no sentido a ele atribuído por Bourdieu. Trata-se de uma noção que não se reduz à economia de mercado, à organização das relações sociais constitutivas da esfera da produção e/ou ao âmbito no qual tem lugar o consumo. Longe disso, ela remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. Essa ideia alargada de mercado contribui para considerar que os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como ‘comércio’, mas também outras trocas que não são assim concebidas e podem, até, ser pensadas como dádivas”.

contexto de uma economia política do sexo que cria condições de possibilidade para a própria existência material desses sujeitos”. Torna-se interessante o fato de que, na percepção dos próprios trabalhadores do sexo, essa relação do corpo/mercadoria e consumidor também é compartilhada por eles. Txai⁷ (21 anos),⁸ um de nossos interlocutores, se apropria dessa percepção, ao afirmar que “a única rede social que eu me vendo mesmo é os sites”. Vicente (28 anos),⁹ outro interlocutor, por exemplo, ao falar da percepção sobre os mercados do sexo em Campo Grande (MS), ao pensar sobre sua relação com os clientes, compreende:

Eu sei que a gente é igual a um produto. Igual a uma Pepsi, uma Coca Cola, uma Fanta. Pra cada um desses refrigerantes têm um público que vai gostar. Então, eu acredito que ser original, assim, nas minhas postagens... é o que eu sempre busquei ser nas minhas postagens, nas minhas fotos, no meu desempenho, até no serviço. Ser original é o que eu acho que vai me levar lá [ao sucesso e reconhecimento no mercado do sexo local].

É desse modo que as relações afetivas e sexuais são focalizadas, docilizadas, moldadas e fetichizadas na medida das expectativas e interesses do público consumidor. O corpo, necessariamente, diante da competitividade e exigências que se tem do trabalhador do sexo, busca se adequar a certos parâmetros estéticos, comportamentais e performáticos.

Além desse contexto, com o advento da globalização capitalista e das transformações provocadas com o acesso à internet e às redes sociais, ampliaram-se os tipos de serviços oferecidos pelos trabalhadores do sexo no sentido de modificar as relações com os seus clientes. Basta um conjunto de ações no smartphone para esse trabalhador informar aos seus clientes e ao público local, via whatsapp ou outras plataformas digitais, que estará ativo e a atender ali. Tanto é que “quando eu vou pra

⁷ Todos os nomes de interlocutores são pseudônimos escolhidos por nós. Isso ajuda a resguardar a identidade dos mesmos e foi um acordo estabelecido com eles durante o trabalho de campo.

⁸ 21 anos, moreno, homossexual, versátil ativo, ensino superior incompleto e de classe média. A categoria moreno foi uma categoria êmica. Por isso a privilegiamos em relação a pardo, por exemplo, uma categoria oficial do IBGE, mas tangencial em campo.

⁹ 28 anos, moreno, bissexual ativo e ensino médio completo.

Campo Grande, mando um “Oi!” para os meus contatos e a gente agenda”, conta um interlocutor (Anthony, 33 anos).¹⁰

Portanto, a utilização dos meios digitais e tecnológicos têm garantido mais segurança, ao mesmo tempo que tem ampliado o campo de atuação, publicização e negociação. Nesse mesmo contexto, apesar dos aplicativos ou redes sociais não representarem o *locus* privilegiado para a atuação e divulgação dos perfis no ambiente on-line, ainda assim, tendo em vista ser esse um espaço no qual percebe-se a busca de parceiros casuais para a realização de sexo descompromissado e não mediado pelo dinheiro, é possível encontrar perfis de trabalhadores do sexo a negociar momentos de prazer, gozo e descontração.

Pensar o contexto da capital sul-mato-grossense é reconhecer que, apesar de não se constituir enquanto um grande centro urbano, nota-se um número significativo de trabalhadores do sexo a comercializar seus serviços a partir de anúncios nos classificados on-line. Sem contar o grande fluxo de dinheiro, interações e concorrência percebidas quando considerado o número de perfis oriundos de outras regiões do Brasil que anunciam e realizam temporadas na cidade.

Os fluxos e trânsitos desses sujeitos são uma tônica para muitos que trabalham nesse segmento dos mercados do sexo. Reconhecemos não ser essa uma ação exclusiva de Campo Grande (MS), nem mesmo de cidades menores. Santos (2016), ao compreender os diferentes pontos de territorialização do trabalho sexual nas três capitais da Região Sul do Brasil e da capital paulista, constatou ser essa uma estratégia que articula diversas redes de mobilidades, circulação e dinâmicas estabelecidas pelos trabalhadores do sexo.

Assim, em seu estudo, Jesus (2021, p. 43-74) constatou ser comum a presença de trabalhadores do sexo de outras localidades a realizar temporada na cidade de Aracaju (SE). Conforme pontua, ainda que não estejam inseridos em sua pesquisa, “[...] não é impossível encontrar garotos de programa que estão pela cidade de passagem e aproveitam para exercerem sua atividade, mesmo que temporariamente, inclusive hospedados em pousadas ou hotéis”.

¹⁰ 33 anos, branco e pós-graduado, homossexual, preferencialmente ativo.

Apesar disso, deve-se ponderar, conforme relatos dos nossos interlocutores, que a capital sul-mato-grossense carece de maior desenvolvimento no que tange aos mercados do sexo. Entre os motivos alegados, consideram o baixo valor recebido pelos serviços sexuais, isso devido ao valor cobrado pelos próprios trabalhadores do sexo que, segundo os interlocutores, deveriam se valorizar mais no sentido de estabelecer uma precificação mais justa dos serviços oferecidos.

Diante desse cenário, há aqueles que possuem condições de deixar a capital em determinados períodos do ano e migram para outras cidades, em estados que consideram mais atrativos economicamente, a fim de obter maiores ganhos financeiros. Ou seja, o deslocamento a outros centros, quase sempre, está associado à percepção de que em tais locais há melhores e mais rentáveis possibilidades nos mercados do sexo.

Esse fator fica evidente a partir da publicação de Christopher (23 anos)¹¹ em uma das suas redes sociais, o Instagram. Seu relato pode ser lido como uma crítica às dificuldades que os trabalhadores do sexo encontram ao exercer essa atividade na capital. Entre os motivos, destaca que o valor cobrado está aquém do que considera adequado, além da relutância de alguns clientes em pagar um valor maior pelos serviços sexuais.

Eu estava meio sumidinho daqui, vocês perceberam. Eu estava meio sumidinho porque eu quis. Gente é o seguinte, vou falar uma coisa pra vocês aqui, eu não, só se for por indicação, alguma coisa assim, mas eu não trabalho, não anuncio mais em site aqui em Campo Grande, não anuncio em site em Dourados. É só queimação, só tem varejo, o povo quer trabalhar de graça. Me poupe! Não, eu não aguento os boys. Esses boys lixo que a gente atende. A gente é o amor da vida deles, aí depois quando a gente precisa de alguma coisa, a gente manda mensagem, eles somem. Eles falam que não conseguem, eles inventam desculpas. [...] Segunda-feira eu não estou mais aqui. Gente, não vou me mudar não, tá! Eu vou ir pra São Paulo, graças a Deus. Vamos fazer dinheiro, né irmã! Porque não tá fácil pra ninguém e o dinheiro está quase sumindo e a gente tá tendo que fazer das tripas o coração. [...] Mas tá foda, não está fácil pra ninguém não, você é louco! (Grifos nossos).

¹¹ 23 anos, branco, bissexual, “mais ativo”, graduado.

Assim, o descontentamento transposto no relato de Christopher (23 anos) está associado, também, à precificação do serviço atribuído pelos demais trabalhadores do sexo que atuam em Campo Grande (MS). Estes, por sua vez, têm tornado o mercado local desinteressante, principalmente, em decorrência de se anunciarem com preços abaixo do que pode ser considerado atrativo para Christopher (23 anos). Para tanto, ele faz uma relação com a cidade de São Paulo (SP), considerada, por muitos, como um mercado mais aquecido e que possibilita maior retorno financeiro aos trabalhadores do sexo.

Apesar das suas críticas, é perceptível o quanto Christopher (23 anos) comumente ostenta um estilo de vida confortável. Era comum fazer postagens em contextos de festas raves, restaurantes, bares e boates de Campo Grande (MS) e/ou em outros locais fora da capital. Ele fazia questão de compartilhar suas experiências quando realizava procedimentos estéticos e intervenções cirúrgicas em determinadas partes do corpo, como rosto e abdômen. O ato de compartilhar essas experiências, percebemos no trabalho de campo, era uma tônica entre os trabalhadores do sexo. A partir dos cuidados com relação à estética corporal, eles buscam se manter ativos, valorizados e desejados no mercado. Se há uma supervalorização, hierarquização e exigência por corpos novos e bem cuidados, logo é preciso tê-los e exibí-los, como lembra Santos (2016).

Interessante, aqui, que as críticas de Christopher (23 anos) sobre a baixa remuneração dos serviços sexuais comercializados na capital, segundo ele, muito em decorrência dos próprios trabalhadores do sexo de não elevar o preço dos serviços oferecidos, encontra ressonância na fala de Enzo Boy (24 anos)¹² quando comenta sobre sua percepção a respeito do mercado local. A visão do interlocutor é a de que Campo Grande (MS) caracteriza-se enquanto um mercado no qual sempre há por parte de alguns clientes a prática de negociação de preços e exigência de descontos. Em sua concepção, isso representa uma desvalorização da própria atividade exercida pelos trabalhadores do sexo.

¹² 24 anos, branco, homossexual, versátil, ensino superior incompleto.

Aqui as pessoas não estão dispostas a pagar o preço que vale o serviço. Pedem muito desconto. Dá um bom retorno financeiro. Dá, claro. Porque quem quer alguma coisa paga o preço que for. Mas não é um bom mercado, aqui em Campo Grande. Por conta da grande opção, da variedade de opções. Eles [consumidores] sempre procuram o mais barato. Pouca demanda, também. A oferta de garotos de programa é muito grande. E tem gente que faz por preços, assim, inacreditáveis. Tipo, R\$ 50,00 reais, R\$ 30,00 reais. [...] Aqui as pessoas não dão valor no trabalho dos outros, né. E elas acabam oferecendo bem menos do que realmente vale. Mas isso é negociável.

Ao conversar com Txai (21 anos) sobre sua percepção dos mercados do sexo em Campo Grande (MS), o interlocutor foi enfático ao evidenciar que a dificuldade maior está na visão que determinados segmentos sociais possuem sobre o trabalhador do sexo. Aspectos relacionados à moralidade e a certos códigos de conduta foram os principais pontos colocados no nosso encontro. O interlocutor considera que a mentalidade conservadora de parte da sociedade estabelece uma dupla condenação: ser trabalhador do sexo e ser visto como homossexual. Assim, “[...] prostituição e homossexualidade só se convertem em estigma devido a manutenção de lógicas heteronormativas que desqualificam pessoas homossexuais e de discursos que demonizam e deslegitimam sujeitos que se prostituem” (Santos, D., 2016, p. 58).

Ana Paula da Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2011, p. 2) irão considerar, ao analisar o trabalho sexual de mulheres no Rio de Janeiro (RJ), que contra essa atividade há “[...] condenação moral a priori da prostituição como atividade essencialmente degradante que há de ser combatida”. O meio social considerar que a “[...] prostituta faz o que faz, de acordo com esses agentes morais, por que precisa e não porque quer e muito menos porque tal atividade pode ser economicamente racional”.

Ainda, nesse contexto, segundo Txai (21 anos), ao comparar os diversos locais que já esteve, compreende que “aqui o povo é meio careta, assim. São totalmente com a mente fechada, né! Não são tão abertos, assim, que nem São Paulo (SP)”. Ou seja, enquanto aqui o interlocutor é submetido a julgamentos e condenações morais, uma vez que parte da sua família e vizinhos sabem da atividade laboral que exerce; quando realiza viagens para fora de Campo Grande (MS), principalmente nos grandes centros

urbanos, encontra facilidade de se apresentar como trabalhador do sexo, sem que isso cause qualquer repressão, estigma ou julgamento moral.

Enzo Boy (24 anos), outro interlocutor, segue o mesmo entendimento ao falar sobre as dificuldades de exercer o trabalho sexual na capital. Para ele, a condenação moral sobre o trabalhador do sexo é um dos pontos de maior crítica, atrelado à pouca atratividade do mercado do sexo remunerado em comparação a outras capitais, sobretudo sudestinas. Fato esse que tem dificultado sua permanência nesse segmento econômico. Quando conversamos com ele a respeito de residir em Campo Grande (MS) e se isso assegurava condições satisfatórias de se manter economicamente como trabalhador do sexo, o interlocutor foi enfático:

Aqui é uma cidade grande em território, mas não tem muitos habitantes. Não tem muita gente de fora, não tem. Como eu vou te dizer? Não é um local, assim, de muito fluxo.¹³

Apesar dessa colocação, Enzo Boy (24 anos) minimiza e relativiza suas críticas quando compara a experiência de vida que obteve quando residia numa cidade do interior do estado em perspectiva às experiências e possibilidades obtidas na capital, pois, compreende que ao chegar aqui percebeu o quanto a visão de mundo das pessoas da capital nem se comparava, tendo em vista que o povo pensa maior. Ele compartilha que sua saída do interior para a capital foi na “busca por oportunidades. Por ser uma capital, por ser maior. Ter mais opções de trabalho, de estudo até. Vim em busca de oportunidade, entre elas a prostituição”.

Para ele, mesmo que Campo Grande (MS) não se caracterize enquanto uma capital metropolitana, o que por consequência levaria a um maior trânsito de pessoas, o fluxo de informações, a percepção de tempo e espaço são deslocados e intensificados. As oportunidades aqui se multiplicariam. “Você vem de uma cidade com a mentalidade das pessoas pequenas, aí você vem pra uma cidade maior, onde as pessoas pensam mais coisas, pensam maior. Aí acaba sendo complicado, porque você não se encaixa naquele ambiente”, conta o interlocutor.

¹³ Segundo o censo de 2022 Campo Grande (MS) possui população de 897.938 habitantes.

Trânsito e mobilidades na prática do trabalhador do sexo

Entre os trabalhadores do sexo pode-se perceber diferentes percepções sobre vivências, mobilidades e trânsitos. A existência de trabalhadores do sexo que afirmam estar realizando temporadas na cidade durante o trabalho de campo foi presença constante nos sites de classificados on-line e redes sociais pesquisadas. Esse deslocamento não ocorre apenas das cidades localizadas em outras regiões do Brasil em direção a Campo Grande (MS). A mobilidade inversa também foi percebida. Essa estratégia caracteriza-se enquanto uma dinâmica do próprio mercado do sexo remunerado no contexto nacional. É possível, também, encontrar anunciantes que se deslocam do interior do estado para comercializar serviços sexuais na capital, ou seja, uma migração de cidades do interior em direção a um grande centro urbano.

Portanto, os fluxos e mobilidades estabelecidos pelos trabalhadores do sexo entre as diferentes regiões do território nacional podem ser associados à definição de territórios existenciais, do mesmo modo que foi utilizada por Santos (2016, p. 91) ao se apropriar da definição desenvolvida por Félix Guattari (1992, 2008). Assim, “[...] os territórios existenciais se comporiam, grosso modo, por processos maquínicos de (des)(re)territorialização dos fluxos sociais e estariam sempre emaranhados e conectados uns aos outros, de uma forma ou de outra”.

Ou seja, assim como na pesquisa realizada pelo autor entre as saunas das três capitais da Região Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) e da capital paulista (São Paulo), os fluxos e mobilidades dos trabalhadores do sexo são práticas constantes entre os diferentes espaços nacionais. A busca de melhores condições financeiras, maior valorização dos serviços prestados ou mesmo o desejo de desbravar novos territórios até então (des)conhecidos e que não fizeram parte das suas experiências profissionais e pessoais faz dessas mobilidades uma tônica constante entre os trabalhadores do sexo.

É interessante notar que alguns interlocutores, apesar de anunciar que estão a oferecer seus serviços na capital durante curta temporada, foi observada a permanência dos mesmos nos sites para além do período informado. Esse, portanto, tem sido mais

um dos recursos utilizados para despertar nos clientes o interesse naqueles que, aparentemente, se apresentam enquanto novidade no mercado do sexo pago (Viana, 2010; Alaman, Passamani, 2021; Silva Santos, 2021).

De acordo com Victor Hugo de Souza Barreto (2017, p. 77), os “boys que vinham de outros estados, em geral, chamavam muito a atenção. Não só por serem ‘novidade na praça’, mas também por um certo interesse exótico que sua origem pode despertar”. Nesse contexto, Enzo Boy (24 anos) dá uma pista ao afirmar que isso ocorre, possivelmente, ao entrar “[...] naquele lance de marketing. Naquele gatilho mental que é a escassez. A pessoa fala que está há pouco tempo aqui e as pessoas ficam mais interessadas. Então, elas dizem: ‘Vou ter pouco tempo pra sair com esse cara’”.

Para Jônatas Stritar Alaman, Guilherme Rodrigues Passamani e Marcelo Victor da Rosa (2022), ao analisar os deslocamentos, trânsitos e mobilidades de trabalhadores do sexo brasileiros no cenário transnacional entre Brasil e Portugal, a partir dos anúncios de um site português, identificaram que a definição de “novidade” é vista com recorrência no mercado do sexo pago. Essa estratégia é utilizada como mecanismo para atrair novos clientes e obter maior retorno financeiro.

Portanto, pode-se considerar que os deslocamentos constantes realizados pelo trabalhador do sexo ao não permanecer durante longo período de tempo em um único mercado evitam-se a desvalorização da sua imagem e tende a colocá-lo sempre como novidade. Além do mais, “a novidade seria a principal propaganda de que o negócio não pararia” (Alaman, Passamani, Rosa, 2022, p. 746). Os autores salientam, ainda, que:

[...] a novidade, enquanto uma tática de poder, não deve ser lida apenas como um regime pensado pelos *escorts*, mas também como um modo de operação do site no sentido de ambos (*escorts* e *site*) conseguirem se manter atrativos aos clientes. A forma como cada *escort* agencia a economia que o faz parecer novidade é que nos diz das estratégias de poder por eles operadas (Alaman; Passamani; Rosa, 2022, p. 746, grifo dos autores).

Essas mesmas motivações e estratégias utilizadas pelos trabalhadores do sexo diante de um mercado tão concorrido foram identificadas em Recife (PE), na pesquisa de Viana (2010, p. 58), ao considerar o movimento de migração desses sujeitos entre as

diversas cidades e estados do Brasil. Conforme o autor, “a migração para outras praças muitas vezes fundamenta-se pela busca de novos clientes e maiores remunerações, além das possibilidades de diversão relacionadas ao turismo”.

Esse processo ocorre principalmente quando o trabalhador do sexo migra da cidade de origem a outros centros urbanos em que o mercado sexual tende a ser considerado melhor remunerado ou que o anunciante, ali, despertará a procura de parte dos clientes. Normalmente, conforme relatos dos interlocutores, cidades como Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) são as mais almejadas.

Eu pretendo, agora, viajar para São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo porque acho que é a Meca, né. É o lugar onde, tipo, todo o pessoal que mexe com prostituição, acho, tem que passar um dia, entendeu. E a vida noturna lá flui muito. As pessoas que... meus amigos que foram pra lá me relatou que a prostituição lá é full time, entendeu, e Rio de Janeiro também. Então eu quero pra isso, eu quero ficar um pouquinho conhecido lá. Pelo menos dez pessoas que eu conseguir atender e conseguir lembrar o meu nome, pra mim tá tranquilo.

A percepção da cidade de São Paulo enquanto um mercado no qual boa parte dos trabalhadores do sexo deseja alcançar, diante do retorno financeiro possível nesse contexto, também foi assim considerada pelos interlocutores de Santos (2016, p. 216): “São Paulo era considerada, pela maioria, como a melhor opção em termos de retorno financeiro. Muitos afirmavam que na cidade paulista os clientes pagavam mais, pois tinham melhores condições econômicas”. Arelado a esses fatores, ainda, estaria o fato de ser uma capital na qual não se observaria “[...] sazonalidade, de modo que a demanda pelos serviços sexuais era contínua e a renda mensal poderia ser mais estável”.

Para Txai (21 anos), quando compartilhou relatos da sua última viagem, falou sobre os valores obtidos durante o período que realizou algumas temporadas fora de Campo Grande (MS). Inclusive, fez questão de acessar o aplicativo do banco, consultar e mostrar seu extrato na tela do smartphone. Nele, como notamos, havia várias transações realizadas via pix e transferências eletrônicas. Ele assim relatou:

Eu já cheguei vindo de outras cidades com R\$ 20.000,00, R\$ 10.000,00 mil reais. Cara, essas são as temporadas que eu faço, quinze dias, vinte dias. Na última viagem que eu fiz, fiz R\$ 10.000,00 mil.

Foi mês retrasado que eu tava viajando. Fui pra Brasília e Porto Alegre. [...] Aqui [em Campo Grande] geralmente você tira uns R\$ 3.000,00 mil reais de boa, aqui.

O que motiva o interlocutor a buscar outros mercados é o fato de que neles consegue alcançar, em um curto espaço de tempo, rendimentos financeiros significativos e que em Campo Grande (MS), possivelmente, levaria mais tempo e demandaria mais esforço para obtê-los. Essa mesma reflexão foi compartilhada por outro interlocutor, Vicente (28 anos), ao dizer que:

Essa é a melhor coisa. Porque você não pode ficar parado só num lugar. Se você vai pra outro lugar você vira novidade. Você é carne nova. Querendo ou não você é lançamento naquela cidade, ali. Aí você fica muito parado num lugar, o pessoal sempre vai ficar olhando seu rosto nos sites, vão sempre olhando suas fotos nos aplicativos, entendeu. É bom você mudar.

No contexto de Campo Grande (MS), o interlocutor Txai (21 anos) diz que seus deslocamentos quase sempre ocorrem na companhia de outros amigos trabalhadores do sexo. Essa rede de contatos mantém viva a troca de experiências, cuidados e proteção que estabelecem uns e relação aos outros. Muitas são mantidas a partir do local de origem e da amizade estabelecida nesse ramo. Segundo Santos (2016, p. 220), “[...] a construção das redes de apoio e de amizade que atravessam as dinâmicas e os códigos territoriais também pode ser marcada pelos elementos da regionalidade e do local de origem dos garotos”.

Essas mobilidades, estabelecidas através de redes de apoio e amizade, para Maria Lourdes dos Santos (2013, p. 149), “[...] não se trata de um nomadismo aleatório, desorganizado. Os garotos de programa, [...] traçam um roteiro segundo seus objetivos, de maneira que venha a facilitar o encontro, o programa e a renda – mas, também, o prazer, o lazer e a realização do desejo”.

Pode-se dizer que as experiências, sejam elas no âmbito das trocas, redes de proteção, viagens, parcerias para o atendimento dos clientes, entre outras, constituem parte dos territórios existenciais. Do mesmo modo, quando pensamos os ambientes on-line, esses territórios não são fixos e podem variar segundo as dinâmicas e práticas

sociais que os constituem. Para os interlocutores, nesse universo de interações, os classificados podem figurar enquanto os meios pelos quais ocorrem a apropriação dos novos locus de trabalho.

O modo de se (re)estabelecer e ser notado no mercado do sexo ao qual estará associado e atuará, mesmo que brevemente, passa a ser ressignificado de acordo com os objetivos e desejos estabelecidos pelos sujeitos colocados ali. Assim, os classificados aos quais vinculará seus anúncios e o público ao qual ele é destinado conforme foi exposto pelos interlocutores, geralmente, condicionam o valor, os serviços e até mesmo o modo de negociação. Ao narrar sobre os trânsitos e deslocamentos no tempo e no espaço, os sujeitos relatam que essa necessidade surge, entre outros fatores, diante de um mercado saturado na cidade de origem e/ou do retorno financeiro estar aquém do esperado.

Ainda assim, Campo Grande (MS) atrai um número significativo de trabalhadores do sexo que se dizem não ser do estado. Para Txai (21 anos), ao comentar sobre, afirma:

Muitos vem de fora. Porque quando você é novo na cidade você chama mais atenção. Você tem mais clientes. Igual, eu sou da cidade, eu atendo um, dois. Quem não é da cidade atende cinco, seis no dia. É igual quando eu vou pra fora eu atendo seis no dia, sete. [...] Geralmente são os de fora que vem, né. De São Paulo, das outras capitais.

Ainda nesse contexto, a rede de contatos torna-se uma estratégia de atuação quase que indispensável para o trabalhador do sexo acionar quando do seu deslocamento para outros mercados nacionais. Txai (21 anos), por exemplo, irá compreender que a sua rede de contato ocupa um importante papel tanto em Campo Grande (MS), quanto quando se desloca para outras cidades e/ou estados: “cara, eu conheço bastante gente. Tanto que eu me envolvi muito, nesse meio da prostituição, com os gays, com as travestis”.

Para os trabalhadores do sexo residem e trabalham em Campo Grande (MS), isso não impede a possibilidade de conhecer e atuar, mesmo que momentaneamente, em outros mercados nacionais. Enzo Boy (24 anos), por exemplo, diz que foi através de seu

trabalho nos mercados do sexo que teve experiências e vivências interessantes em outros contextos: “a partir da prostituição eu já conheci Manaus, Parintins que fica no Amazonas também, Belém, Rondônia, Fortaleza, Sobral”.

Txai (21 anos), ao falar sobre os deslocamentos e mobilidades realizados por ele para outros mercados nacionais, fez questão de apresentar através da tela do smartphone uma sequência de imagens suas nas diferentes cidades que esteve a realizar temporadas como trabalhador do sexo. Porém, como falava com um tom orgulhoso sobre essas experiências, será que pretendia, em algum momento, deixar a capital para residir em outra cidade onde a demanda pelos seus serviços fosse maior, o que oportunizaria ele a obter mais retorno financeiro? Ele foi enfático:

Ir embora não! Eu gosto daqui. Não tem nem comparação daqui com outras cidades. As outras cidades são feias... favela. Aqui você tem uma vida boa. Vai pro Rio pra você ver como que é o negócio lá. Favela, esgoto a céu aberto, pobreza. Tiro. Mas tem dinheiro. Por isso que quando eu vou fico 15 dias só. Só que 15 dias eu ganho dinheiro, né. Só que, também, eu fico em hotel bom, fico no lugar bom, entendeu. Eu fico em Copa [Cabana], fico na Barra [da Tijuca]. [...] Olha, igual, Salvador... [ao mostrar as fotos de onde já esteve, fala] aqui foi Fortaleza quando eu cheguei, BH, Corumbá, aqui é Campo Grande, aqui é São Francisco, Itapoá Santa Catarina, Matinhos, Barigui que é Curitiba... aqui é Campo Grande, aqui eu tava em Curitiba no Parque Tanguá, Rio Verdade.

Portanto, segundo seu relato, Campo Grande (MS) seria uma cidade boa para morar, enquanto outros destinos seriam compensatórios do ponto de vista do retorno financeiro diante do trabalho oferecido. Entre as experiências que o interlocutor alcançou fora de Campo Grande (MS), diz já ter recebido propostas de (ex)clientes que condicionaram sua saída do trabalho sexual à possibilidade de receber, em troca, moradia, presentes e estabilidade financeira. Assim, esses intercâmbios sexuais e econômicos podem revelar como as trocas afetivas e sexuais também poderiam ser estabelecidas em detrimento da obtenção de bens materiais e segurança econômica (Piscitelli, 2014).

Piscitelli (2016) compreende que essas relações que estabelecem a troca do sexo por diferentes bens, que pode incluir presentes, roupas, celulares, viagens,

pagamentos de aluguel, contas médicas, visitas ao cabeleireiro, comprar de alimentos, entre outros, configuram-se como intercâmbios econômicos e sexuais, classificados enquanto “ajuda”.

É interessante considerar que, segundo a autora, as trocas estabelecidas entre clientes e trabalhadora/es do sexo são firmadas para além do valor monetário pago pelos serviços. Diante do exposto, sem querer estabelecer uma interpretação generalizada sobre essas relações, trocas e intercâmbios sexuais, fica evidente o quanto o “[...] próprio mercado do sexo cria uma lógica outra de funcionamento dos fluxos dominantes, produzem territórios existenciais e modelizações próprias, constituem espaços de subjetivações, possibilitam performatividades específicas” (Santos, D., 2016, p. 79-80).

Dessa forma, não devemos nos esquecer que esses fluxos, trânsitos, intercâmbios e migrações estabelecidos pelos trabalhadores do sexo entre os diversos contextos nacionais representam aquilo que Santos (2016, p. 277) denominou de formas marginais de circulação e ocupação dos mapas “[...] socialmente construídos como trajetórias imorais, dissidentes, desviantes e contra-normativas, especialmente no que tange aos usos que se pode fazer do corpo, do sexo, da sexualidade, do erotismo, do gênero e da força de trabalho”.

Considerações finais

A globalização capitalista, junto com o avanço e a popularização das tecnologias, internet e redes sociais, expandiu os locais e diversificou os tipos de serviços oferecidos por trabalhadores do sexo. Isso alterou a maneira como o trabalho sexual é realizado e as relações estabelecidas com os clientes. A pesquisa foi realizada em Campo Grande (MS), uma capital que, embora não esteja entre os grandes centros urbanos do Brasil, apresenta particularidades no modo como os homens exercem o trabalho sexual.

Assim, pensar o mercado do sexo no contexto de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, é atentar a uma cidade que representou mais que um

campo de possibilidades. Aqui, conforme as perspectivas compartilhadas pelos interlocutores, conjuga-se mais que um território, locus em que o trabalho sexual possa ser exercido e estabelecido. Na cidade identificamos circulações, trânsitos e mobilidades de trabalhadores do sexo rumo a outras regiões e cidades do Brasil. O fluxo era de mão dupla e, portanto, o caminho inverso também foi observado, fluxo de um trânsito contínuo.

Ainda que não tenhamos conseguido estabelecer contato com muitos trabalhadores que chegavam à capital, segundo os nossos interlocutores, as mobilidades e trânsitos entre os diversos mercados do sexo, a fim de realizar temporadas, estariam ligados a um possível desgaste que a imagem do trabalhador pudesse vir a sofrer. Ou seja, caso atuasse durante muito tempo em um único mercado, tornar-se-ia conhecido e os clientes poderiam perder o interesse de contratá-lo. A novidade também representa, também nesse campo, “a alma do negócio”.

Por fim, atuar em outros mercados pode agregar prestígio e valor a sua imagem. As cidades que mais recebem esse fluxo de sujeitos continuam sendo aquelas localizadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, como Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Possivelmente estão mais associadas a uma questão de ordem socioeconômica, concentração de pessoas e potencial turístico. Sem contar que outras alternativas surgem, como realização de viagens curtas para cidades dentro do próprio estado. Essa estratégia tem representado retornos financeiros até mais vantajosos do que os obtidos na capital.

Referências

ABREU, Vinício Brígido Santiago. **Entre o marginal e o laboral: o trabalho de garotos de programa da cidade de Fortaleza**. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2014.

ALAMAN, Jônatas Stritar.; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Marcas da “brasilidade”: negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**. Rio de Janeiro, n. 37, p. 1-27, 2021.

ALAMAN, Jônatas Stritar.; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da. Escorts brasileiros em um site português acompanhantes: estratégias, tensionamentos e relações de poder. **Etnográfica**, Lisboa, v. 26, n. 3, p. 735-758, 2022.

ALCÂNTAR, Jean Moreira. **Territórios invisíveis**: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Manaus, 2009.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. “**Vamos fazer uma sacanagem gostosa?**”: Uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculina carioca. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Niterói, 2012.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Os novos territórios da prostituição masculina. In: OLIVEIRA, Thiago. (Org.). **Homens no mercado do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. Salvador: Editora Devires, 2019, p. 77-104.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Vamos fazer uma sacanagem gostosa?** Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: EdUFF, 2017.

BASSETTI, Telma Bittencourt.; Peixoto, Roberta. O consumo do sexo em Copacabana/RJ e a conformação de suas territorialidades: embates e resistências. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, v. 16, n. 2, p. 9-28, 2015.

BURBULHAN, Fernanda. A experiência michê: um estudo fenomenológico. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Ribeirão Preto, 2014.

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza. **Prazer com segurança?** As relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza. 2011. 108f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Fortaleza, 2011.

GUATTARI, Félix. As esquizoanálises. **Revista Ensaio**, Niterói, n. 1, v. 1, p. 1-21, 2008.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

JESUS, José Welington de. **Entre ruas e redes**: transformações e significados da prostituição masculina em Aracaju-SE. 2021; 122 f. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, São Cristóvão, 2021.

LIMA, Wagner de Oliveira. **Desejos à deriva:** os michês e a construção de masculinidades no Centro de João Pessoa/PB. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, João Pessoa, 2006.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Prostituição masculina e intersecções desejantes nas ruas de Campo Grande (MS). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 35, n. 103, p. 1-15, 2020a.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Sutilizas e “escadas da moralidade” nas saunas de Campo Grande-MS. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, p. 1-13, 2020b.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. **Prostituição masculina no Brasil:** o panorama da produção teórica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 432-458, 2019.

PISCITELLI, Adriana Gracia. Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 159-199, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas: novas questões conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.47, p. 1-31, 2016.

RADDE, Augusto. **Entre prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina.** 2014. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo:** anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). 2010. 200f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010.

SANTOS, Daniel Kerry dos. **Homens no mercado do sexo:** fluxos, territórios e subjetivações. 2016. 372f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016.

SANTOS, Maria Lourdes dos. **Da batalha na calçada ao circuito do prazer:** um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza. 2013. 192f. Tese

(Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2013.

SILVA JÚNIOR, Geraldo Pereira da. **O negócio do “Prazer Remunerado” nos discursos de garotos que fazem programa**. 2012. 233f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2012.

SILVA SANTOS, Renato Caio. **Segredos de corpos nus**: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. Salvador: Devires, 2021.

SILVA, Ana Paula da.; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Amor um real por minuto: A prostituição como atividade econômica no Brasil **urbano**. In: **CORREA, S; PARKER, R. (Org.)**. Sexualidade e política na América Latina: Histórias, intersecções, paradoxos. Rio de Janeiro, Sexual Policies Watch, 2011, p.192-233.

SOUZA NETO, Eptácio Nunes de. **Entre boys e frangos**: uma análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2009.

VEGA, Alexandre Paulino. **Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano**: uma análise da desconstrução das diferenças entre jovens em São Paulo. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2008.

VIANA, Normando José Queiroz. **“É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO... PRUUU! FICA LOGO DURO!”**: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife”. 111f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2010.

VIANA, Normando José Queiroz. Caminhos e descaminhos da prostituição viril. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 20, n. 2, p. 289-304, 2004.

Market, mobilities, and experiences from the perspective of sex workers from the online

Abstract: This article is part of a broader research project that investigated male sex work through online dating platforms, such as websites and instant messaging applications. The ways of engaging in and thinking about sex work have been changing with the popularization of new technologies and in light of new forms of relationships. As a result, the locations have expanded, and the types of services offered by sex workers have diversified. In this perspective, given the increasingly complex national scenario, this study aims to understand the particularities and similarities that constitute the sex markets in Campo Grande (MS). To this end, from the perspective of the interlocutors, we analyze the process of circulation, transit, and mobilities of these sex workers in the context of the local market and the flow of these workers to other national markets. This research began in 2020 and was completed in 2023. In terms of methodology, we developed a qualitative ethnographic research approach, with online observations, informal conversations, and semi-structured interviews. Finally, the analytical perspective in the article focuses on tensions, strategies, and articulations among social markers of difference.

Keywords: Sex work. Transits. Sex market. Consumption.

Recebido: 05/09/2025

Aceito: 14/01/2025